



KnoWhy #142

Junho 22, 2017

Por que deve haver um sacrifício infinito e eterno?

“[N]ada pode haver, a não ser uma expiação infinita, que seja suficiente para os pecados do mundo”.

Alma 34:12

O conhecimento

Os zoramitas negaram a necessidade da Expição (Alma 31:16-17). Assim, ao pregar em sua cidade, Amuleque enfatizou a importância de “um grande e último sacrifício”, um sacrifício que, segundo ele, “deverá, porém, ser um sacrifício infinito e eterno” (Alma 34:10). Amuleque fez um grande esforço para explicar o que esse sacrifício — a Expição — não era: “não será sacrifício de homem nem de animal nem de qualquer tipo de ave; pois não será um sacrifício humano” (v. 10). Esse esclarecimento provavelmente reflete especificamente as maneiras pelas quais os zoramitas “pervertiam os caminhos do Senhor de muitos modos” (Alma 31:11).

Tanto os israelitas quanto os nefitas viviam entre culturas que faziam sacrifícios vicários por pecados pessoais e comunitários. A professora de estudos

judaicos, Dra. Elaine Goodfriend, explicou: “A punição vicária — quando a penalidade por um erro foi sofrida por alguém que não era responsável — é encontrada em” algumas leis da Mesopotâmia. Ze’ev Falk observou: “[n]a lei babilônica e talvez também na lei hitita, o princípio da talion se aplicava não apenas ao próprio criminoso, mas também aos seus dependentes”.

Em contraste com algumas práticas de seus vizinhos, a lei israelita não permitia a punição vicária, mas insistia que “cada qual morrerá pelo seu próprio pecado” (Deuteronômio 24:16; cf. Ezequiel 18:20). Da mesma forma, Amuleque perguntou aos zoramitas: “Ora, se um homem assassina, eis que a nossa lei, que é justa, tomará a vida de seu irmão? A resposta foi simples: “[N]ão há homem algum que

possa sacrificar o seu sangue para expiar pecados de outrem” (Alma 34:11).

Em seu estado divergente de apostasia, os zoramitas podem ter adotado algum tipo de sistema religioso onde praticavam sacrifícios de sangue vicários. A Mesoamérica Antiga oferece um contexto cultural potencial. Lá, “os reis maias derramaram voluntariamente seu sangue como uma oferta em favor de seu povo”. Isso era verdade para o derramamento de sangue, uma prática na qual o rei “usava espinhos, espinhos de arraia e lâminas de obsidiana para extrair sangue” das partes sensíveis do corpo. Embora este seja um pano de fundo conceitual diferente daquele das leis babilônicas do Velho Mundo, ainda era um sistema no qual um homem “sacrificaria seu próprio sangue” por seu povo.



Havia também outras formas de sacrifício praticadas na Mesoamérica. Brant A. Gardner explicou: “A cultura mesoamericana também oferece exemplos semelhantes de sacrifícios de animais como parte de sua adoração e até mesmo sacrifícios humanos”. Mark Alan Wright raciocinou: “Os povos do Livro de Mórmon estariam familiarizados com os tipos de

sacrifícios oferecidos por seus vizinhos mesoamericanos, que muitas vezes incluíam holocaustos de animais, como veados ou pássaros.

Amuleque explicou: “Porque é necessário que haja um grande e último sacrifício; sim, não um sacrifício de homem nem de animal nem de qualquer tipo de ave; pois não será um sacrifício humano; deverá, porém, ser um sacrifício infinito e eterno” (Alma 34:10). Wright observou: “É significativo que as três coisas que Amuleque está dizendo expressamente aos zoramitas apóstatas, para não sacrificarem sejam as três coisas mais comuns oferecidas pelos mesoamericanos devotos: humanos, animais e aves”.

Miquéias, um profeta israelita, aparentemente também mencionou essas três formas de sacrifício. Ele perguntou se ele deveria “apresentar[-se] ao Senhor” com “holocaustos [...] com bezerras de um ano” se “[a]gradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros [...], ou se ele deveria dar a “o [seu] primogênito pela minha transgressão [...] o fruto do meu ventre, pelo pecado da minha alma [...] Ele respondeu: “[O que] o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benevolência, e andes humildemente com o teu Deus [...] (Miquéias 6:6-8).

Reconhecendo que as aves eram frequentemente oferecidas como “holocaustos”, Amuleque parece estar invertendo a ordem das perguntas retóricas de Miquéias, após o que ele se lança em uma exposição de justiça e misericórdia (Alma 34:15-16). Amuleque, portanto, parece estar empregando uma técnica chamada Lei de Seidel para invocar as palavras de Miquéias e lembrar seu público zoramita do verdadeiro propósito do sacrifício de animais sob a lei mosaica.

O porquê

Como israelitas piedosos, os nefitas teriam praticado várias formas de sacrifício de animais como parte da lei de Moisés. Eles fizeram isso, no entanto, com a consciência de que tais sacrifícios eram apenas um tipo e uma sombra: “[C]ada ponto indicando aquele grande e último sacrifício [...] [do] Filho de Deus, sim, infinito e eterno” (Alma 34:14). Na perspectiva nefita, “a lei de Moisés era como uma grande profecia de Cristo, pois testificava que a salvação seria obtida em e por meio de seu sangue expiatório”.



Em sua apostasia, os zoramitas rejeitaram a Expição infinita e eterna de Jesus Cristo. Influenciados pela cultura circundante, eles parecem ter tratado o sacrifício de animais como um substituto completo para a expiação, talvez até adotando outros costumes sacrificiais locais, como derramamento de sangue e sacrifício humano.

Amuleque, portanto, estava certo ao explicar que “não há homem algum que possa sacrificar o seu sangue” em favor de outros (Alma 34:11), como seria o caso, até mesmo, com um rei enquanto ele sangrasse. Nenhum tipo de sacrifício de sangue — animal, ave ou humano — poderia purificar os zoramitas, ou qualquer outra pessoa, de seus pecados (vv. 11-14). Não apenas a lógica vai contra a perspectiva zoramita, mas também o simbolismo da lei de Moisés que proibia tirar a vida mortal como punição pelo mal de outro.

Para que qualquer sacrifício tenha força e efeito eternos, tal sacrifício deve ser mais do que mortal e temporário. Élder Tad R. Callister explicou:

A palavra infinito, conforme usada neste contexto, pode se referir a uma expiação que é infinita em seu alcance e cobertura [...] a uma expiação que se aplica simultaneamente de forma retroativa e prospectiva, fora das limitações e medidas de tempo [...] a uma expiação que se aplica a todas as criações de Deus, passadas, presentes e futuras, e é, portanto, infinita em sua aplicação, duração e efeito.

“Nada menos do que o derramamento do sangue de um Ser infinito e perfeito poderia” trazer esse tipo de sacrifício eterno e de longo alcance.

“Consequentemente”, explicou Callister, “a Expição é ‘infinita’ porque sua fonte é ‘infinita’”.

Assim como certos fatores culturais específicos aparentemente atraíram os zoramitas para perverter os caminhos do Senhor, também as tendências sociais podem induzir alguns a torcer, distorcer, arrebatou ou desviar os verdadeiros princípios do evangelho para ideologias da moda. Evitar essas tentações exige que indivíduos e comunidades façam o que Alma ensinou, e Amuleque reiterou: “[T]erdes fé suficiente para plantar a palavra em vosso coração e assim testar sua excelência” (Alma 34:4). Somente permitindo que a palavra eterna de Cristo crie raízes, o evangelho eterno pode se tornar a luz orientadora que permite que todos vejam além das modas temporais do dia.

Leitura complementar

Mark Alan Wright and Brant A. Gardner, “The Cultural Context of Nephite Apostasy”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 1 (2012): pp. 25–55.

Rodney Turner, “The Infinite Atonement of God”, in *Book of Mormon, Part 2: Alma 30 to Moroni, Studies in Scripture: Volume 8* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1988), pp. 28–40



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Mark Alan Wright e Brant A. Gardner, “The Cultural Context of Nephite Apostasy”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 1 (2012): 52: “Talvez estejamos procurando pistas para o processo de apostasia quando Amuleque está ensinando os zoramitas excluídos e define especificamente o que o sacrifício de Cristo não foi.”
2. Elaine Adler Goodfriend, “Ethical Theory and Practice in the Hebrew Bible”, in *The Oxford Handbook of Jewish Ethics and Morality*, ed. Elliot N. Dorff e Jonathan K. Crane (New York, NY: Oxford University Press, 2013), 48 n.9. Goodfriend citou especificamente “as leis de Hamurabi 230 e 210, as leis da Assíria Média A55”.
3. Ze’ev W. Falk, *Hebrew Law in Biblical Times*, 2ª ed. (Winona Lake, IN e Provo, UT: Eisenbrauns e BYU Press, 2001), p. 68. Talion é o conceito de “olho por olho” ou, no caso de assassinato, vida por vida. A justiça taliônica e o Livro de Mórmon serão discutidos mais adiante na Central do Livro de Mórmon “Por que e como Alma explicou o significado da palavra “Restauração”? (Alma 41:1)”, *KnoWhy* 149 (30 de junho de 2017).
4. Falk, *Hebrew Law*, 68 observou que “os tribunais hebreus não infligiram punição a ascendentes ou descendentes”, e Goodfriend, “Ethical Theory”, 48 n.9, sobre punição vicária, observou que “Êxodo 21:31 e Deuteronômio 24:16 proibiu essa prática.”
5. Wright e Gardner, “The Cultural Context of Nephite Apostasy”, p. 51.
6. Wright and Gardner, “The Cultural Context of Nephite Apostasy”, p. 51. Ver Mary Miller e Karl Taube, *An Illustrated Dictionary of the*

Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya (Londres, Eng.: Thames e Hudson, 1993), pp. 42, 46–47; Arthur Demarest, *Ancient Maya: The Rise and Fall of a Rainforest Civilization* (Cambridge, Eng.: Cambridge University Press, 2004), pp. 184–188. Michael D. Coe e Stephen Houston, *The Maya*, 9th edition (New York, NY: Thames and Hudson, 2009), 89, observaram que o derramamento de sangue é retratado em San Bartolo, datando do primeiro ou segundo século a.C. Eles também mencionam o atestado de derramamento de sangue dos tempos olmecas. Robert J. Sharer com Loa P. Traxler, *The Ancient Maya*, 6ª edição (Stanford, CA: Stanford University Press, 2006), p. 197 descreveu “um ritual pródigo envolvendo jejum, derramamento de sangue e queima de incenso” do “final do pré-clássico médio” ca. 800–500 a.C. Portanto, o derramamento de sangue parece ser claramente atestado nos tempos do Livro de Mórmon.

Ver também o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que o rei Benjamim menciona tantas vezes o Sangue de Cristo? (Mosias 4:2)”, KnoWhy 82 (13 de abril de 2017).

7. Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 4: p. 478: “Amuleque disse que sacrificaria ‘seu próprio sangue’ porque o derramamento do próprio sangue do rei era ‘o eixo da vida ritual dos antigos maias’”.
8. Gardner, *Second Witness*, 4: p. 477, erro de digitação corrigido.
9. Mark Alan Wright, “Axes Mundi: Ritual Complexes in Mesoamerica and the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 12 (2014): p. 89. Ver também Miller e Taube, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya*, pp 96–97, 144–146.
10. Wright, “Axes Mundi”, p. 89.
11. Miquéias pergunta sobre holocaustos (geralmente aves), depois bezerras e carneiros, e depois seu primogênito, fornecendo assim uma sequência de aves, animais, homens. Amuleque os inverte, enfatizando que não será homem, animal ou ave. Esse tipo de investimento é o que os estudiosos chamam de Lei de Seidel. Ver Dave Bokovoy, “Inverted Quotations in the Book of Mormon”, *Insights: A Window on the Ancient World* 20/10 (October 2000): p. 2; David E. Bokovoy e John A. Tvedtnes, *Testaments: Links Between the Book of Mormon and the Hebrew Bible* (Tooele, UT: Heritage Press, 2003), pp. 56–60.12. Robert L. Millet and Joseph Fielding McConkie, *Doctrinal Commentary on the Book of Mormon*, 4 v. (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1897–1992) 3: p. 250.
13. Callister, Tad R. *The Infinite Atonement* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2000), p. 59.
14. D. Kelly Ogden and Andrew C. Skinner, *Verse by Verse: The Book of Mormon*, 2 v. (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2011), 2: p. 18.
15. Callister, *The Infinite Atonement*, p. 58. Callister continuou a escrever: “Por que era essencial que a expiação fosse feita por Jesus, quem é infinito e eterno?” (Alma 34:14) Porque a expiação requer poder, poder incrível e até poder infinito. [...] Tal poder só poderia ser exercido por um ser que fosse infinito, o que significa que um ser possuía todas as virtudes divinas de maneira ilimitada e, portanto, era um Deus” (p. 67).